

Iraque

E o que acontece ao Iraque?

George Joffé

Enquanto os Estados Unidos aquecem os motores para a sua, aparentemente imparável, guerra para destruir o regime de Saddam Hussein, uma das grandes incógnitas parece ser a atitude da própria população iraquiana. Como reagem ao possível fim de um dos mais repressivos regimes do mundo? O que esperam da libertação? Os jornalistas ocidentais já começaram a afluir ao país, mas ainda não descobriram muito, por enquanto, dos sentimentos dos iraquianos perante o que lhes está prestes a acontecer. Para um observador atento, porém, algumas conclusões começam a vislumbrar-se.

A vida atrás das grades

Com uma década de sanções e de isolamento, uma nova geração atingiu a idade adulta. Cresceram num país protegido do mundo exterior, onde praticamente não entraram publicações ou importações culturais, pelo que só as perspectivas da regime e dos seus apoiantes constituem as influências dominantes. Muitos dos jovens de hoje, no entanto, por mais que não gostem do regime, gostam ainda menos daqueles que os isolaram por tanto tempo, por razões totalmente fora do seu controlo. É certo que já existem servidores de Internet, mas a sua utilização é cuidadosamente vigiada pelo regime. Os que podem pagar antenas parabólicas podem ver a al-Jazeera, mas estes são os que pertencem à privilegiada classe de comerciantes, altamente envolvida no contrabando, normalmente com o beneplácito do regime, por vezes contra a sua vontade, mas só se forem muito corajosos ou loucos. São verdadeiramente ricos, guiam os mais recentes modelos automóveis, compram a última moda e os bens que se encontram por todo o lado em Bagdad.

Para a vasta maioria, no entanto, a vida continua a ser penosamente dura, pelo que podem muito bem acolher favoravelmente qualquer mudança a curto prazo, seja qual for o preço a pagar. As condições de vida melhoraram nos últimos 2 anos, à medida que o programa petróleo-por-alimentos, organizado pelas Nações Unidas, foi colmatando as enormes carências e foram sendo reparadas as infraestruturas vitais. A electricidade está agora disponível a maior parte do dia na capital e o abastecimento nas zonas rurais também

melhorou drasticamente, com as reparações na canibalizada rede eléctrica. A maioria das instituições e muitos lares também têm os seus próprios geradores, para prevenir os frequentes blackouts. Da mesma forma, o tratamento das águas – que era virtualmente inexistente há alguns anos – está agora muito melhor, pelo que diminuiu a incidência de doenças causadas por águas insalubres. Ainda existe uma terrível carência de medicamentos e o suborno é necessário para conseguir um adequado tratamento médico, se bem que, também aqui, se tenham registado desenvolvimentos significativos.

Porém, a situação ainda é terrivelmente dura para muita gente, particularmente para as classes médias, forçadas à penúria pelas sanções. O rendimento médio ainda ronda os 17 dólares por mês e o Iraque tornou-se dependente de uma vasta rede de empréstimos informais e de remessas das comunidades exiladas para garantir a sobrevivência. Muitas famílias tiveram que vender os seus bens móveis e negócio das leiloeiras dos arredores da capital continua próspero. Livrarias pessoais estão à venda no centro, todas as sextas, depois das orações, um dos símbolos mais patéticos e comoventes do significado do embargo. O regime respondeu com um sistema de racionamento surpreendentemente eficiente que, com a ajuda das Nações Unidas, fornece o essencial de uma dieta básica; o sector agrícola, agora que a electricidade voltou a fazer funcionar as regas, vai conseguindo um maior abastecimento de vegetais frescos.

O regime tentou capitalizar o sentimento de desespero por muitos sentido, encorajando uma fortemente controlada islamização da vida diária. As mesquitas receberam um generoso apoio estatal para a sua renovação e expansão e foi encorajada a religiosidade pessoal, desde que sem qualquer implicação política!. Em resultado, os santuários populares, como a mesquita de Gailani, em Bagdad, viram aumentar grandemente os donativos, mesmo num Iraque tão empobrecido. Por outro lado, à medida que aumenta a ameaça de guerra, o regime respondeu com a entrega de rações adicionais, de forma a que as famílias pudessem acumular stocks consideráveis – que dão para cerca de 2 meses, segundo fontes não-governamentais ocidentais. Foi implementado também um programa de emergência de abertura de poços pouco profundos na capital, pois espera-se que o sistema hidroeléctrico esteja entre as primeiras baixas da inevitável campanha de bombardeamentos que marcará o início da guerra – 3000 mísseis de cruzeiro contra anti-aéreas e concentrações de tropas só nos primeiros 3 dias, juntamente com milhares de outras bombas não identificadas, segundo fontes ocidentais bem informadas.

À espera da guerra

Estranhamente, não há muitos sinais de pânico. Nalguns locais, como Basra, a calma é resultado do facto de a população esperar uma ocupação rápida por parte dos Aliados, que deverão proteger os vizinhos campos petrolíferos para evitar que as forças iraquianas criem um tal holocausto que, por comparação, tornaria minúscula a catástrofe que ocorreu na libertação do Kuwait, em 1991. Noutros locais, parece dominar a resignação e, em algumas áreas, particularmente nas regiões Sunni que rodeiam Tikrit e Remada, o desafio e a provocação. Estas são, afinal, as regiões de recrutamento dos membros da Guarda Republicana e da Guarda Republicana Especial – as forças pretorianas do regime. Deles se espera que lutem, mesmo que o seu equipamento seja desesperadamente inferior ao das forças avançadas americanas. É por esta razão que muitos observadores antecipam que o regime abandonará áreas periféricas e se concentrará na defesa da capital, Bagdad. É também por esta razão que existem fortes temores de grandes baixas civis, particularmente se as forças Aliadas se decidirem a uma ocupação pelo força. A alternativa poderia ser quase tão desoladora, com o cerco à capital.

Espera-se que parte significativa das forças armadas iraquianas, agora reduzidas a um terço da dimensão que tinham em 1991 e equipadas com armamento obsoleto, soçobre. Alguns, na verdade, podem mesmo juntar-se aos invasores, particularmente no sul, onde a população xiita tem uma antipatia visceral pelo regime, após a brutal repressão de que foram alvo quando se rebelaram, em 1991, e a consequente perseguição dos seus líderes em Karbala e Najaf, onde qualquer mullah sobre quem recaísse qualquer suspeita de hostilidade ao regime era, pura e simplesmente, liquidado. Os xiitas de Bagdad são um perigo particular pois apesar de terem sido arduamente reprimidos em 1993, depois de uma pequena rebelião, Medinet Thawra – o bairro degradado onde habitam – fervilha novamente de raiva. Se não fosse este o local onde se encontram os conhecimentos essenciais que permitem que a vida prossiga – é aqui que se vai para a mais pequena reparação nos antigos, mas insubstituíveis, equipamentos – o regime teria reprimido a sua população ainda mais brutalmente. É o que fará, certamente, durante a guerra, se existir o mais pequeno sinal de subversão.

Nas margens, os atritos vão desgastando o regime. No último ano, as patrulhas das zonas de exclusão aérea no Curdistão e na zona xiita no sul exploraram o seu incontestado controlo dos céus para atacarem à vontade instalações militares que se preparavam para o conflito. O que também causou vítimas civis – algo que o regime sublinha na sua luta para conquistar os corações e as mentes da população. Ainda mais significativa foi a

mudança de atitude dos líderes curdos. Até há alguns meses, tanto Jalal Talabani, da Frente Patriótica Curda, e Masoud Barzani, da Partido Democrático Curdo, governavam os seus feudos sob a protecção das Nações Unidas, procurando descartarem-se um do outro, de Bagdad e de Teerão, para manterem a frágil autonomia. A vida nas áreas curdas era, assim, muito mais livre do que no próprio Iraque, apesar de as forças de segurança de Saddam nunca estarem muito longe e de os próprios movimentos curdos não estarem isentos do exercício de alguma repressão.

Agora pressentem uma mudança e tornaram claro que, se de facto houver guerra, podem oferecer os seus peshmergas para ajudar as forças Aliadas. Não referem a independência, mesmo que tal aspiração não se possa esconder, porque sabem que a Turquia e o Irão, já para não falar da Síria, nunca a tolerariam. Assim, em vez disso, insistem em que procuram um Iraque democrático, secular e federal, no qual os curdos possam ocupar o seu lugar. Nesse aspecto, coincidem com a comunidade exilada iraquiana, desacreditada pelas suas intermináveis querelas aos olhos da maioria dos iraquianos, mas agora novamente encorajada pelos Estados Unidos. Afirma ter organizado um governo no exílio, a partir do seu comité de acompanhamento de 65 pessoas, agora localizado em Sulaymaniyya, no Curdistão. Esta comunidade, no entanto, também aprendeu as complexidades das políticas interna e regional, pelo que parece que o seu papel nos planos americanos é muito mais marginal do que se esperava.

Também os curdos já se aperceberam que o futuro poderá não ser tão risonho como tinham pensado. Parece provável que os Estados Unidos venham a confiar ao exército turco a vigilância do norte do Iraque e cerca de 80,000 soldados turcos podem entrar no Curdistão e na área de Mosul. Garantirão que nem um traço de secessão curda desponte e que os campos petrolíferos da zona norte estarão a salvo da destruição no Götterdämmerung de Saddam. A Turquia também tem pretensões no norte e quem sabe como será recompensado o seu apoio à causa aliada? Os líderes exilados, com as suas esperanças num futuro democrático no pós-guerra, ficaram consternados ao constatar que é muito possível que a actual administração e os seus órgãos de segurança, juntamente com o exército e até mesmo o Partido Baas, venham a ser recrutados para lidar com a crise do pós-guerra. Pouco espaço resta, assim parece, para a construção de uma alternativa genuinamente democrática no pós-guerra!

A resistência do regime

Muitas destas esperanças e destes planos, no entanto, baseiam-se no pressuposto de que o regime de Saddam Hussein é alvo de tanto ódio e desconfiança que tombará por si só quando as bombas começarem a cair – este poderá vir a ser o maior de todos os erros de cálculo. É certo que a arbitrária brutalidade dos serviços de segurança – são sete, todos com um poder sem restrições – gera muito ódio, mesmo depois de, nos últimos meses, muitos detidos terem sido libertados das cadeias. Mas também gera um grande e persistente medo, se bem que se diga que apareceram, em algumas cidades, panfletos anti-regime. Assim, é provável que os iraquianos sejam muito cuidadosos, enquanto não estiverem seguros da vitória dos Aliados. Aí, podem reagir à presença estrangeira de forma negativa, pois foi o que sempre fizeram no passado, especialmente se o poder estatal não se articular com efeitos convincentes.

E então, existem muitas divisões internas, pois o regime foi muito bem sucedido, nos últimos anos, a alimentar divisões étnicas e religiosas. O centro do regime, a região de Sunni, particularmente em redor de Tikrit – onde Saddam Hussein nasceu e fonte de muito do seu poder – tem muito a perder pelo que é provável que se mantenha por mais tempo ao lado do regime, como o farão as tribos Jbur e Dulaym, os maiores núcleos de recrutamento. Os curdos estão já longe do poder, podendo dar uma ajuda marginal às tropas aliadas. Os xiitas estão divididos entre os que receiam a chegada do Apocalipse e os que o glorificariam como libertação milenar – e por trás deles está o Irão e as forças do Ayatollah Hakim do Conselho Supremo da Revolução Islâmica no Irão.

Resumindo, uma intervenção demasiado poderosa pode fazer implodir o Estado iraquiano, algo que virtualmente todos os participantes no conflito que se avizinha desejam evitar e com a qual, logicamente, o regime pode jogar. O Iraque é demasiado importante, com as suas vastas reservas petrolíferas de 112 mil milhões de barris – a segunda maior reserva do Médio Oriente – e a sua população é demasiado instruída para ser antagonizada ou ameaçada por muito tempo. Outros conquistadores aprenderam, às suas custas, como é um país difícil de governar e a brutalidade inicial do Partido Baas, em 1963 e 1968, quando chegou ao poder, estava parcialmente implícita na sua tradição histórica. A última linha de invasores deve, assim, estar preparada ou para cortar a cabeça ao regime, deixando o resto essencialmente intacto, ou para fazer um compromisso para uma reconstrução de raiz da nação e do Estado iraquianos, a suas expensas, com um custo estimado de algo como 1.3 mil biliões de dólares, durante muitos anos. A experiência do

Afeganistão não é muito encorajadora e as divisões na Europa não apontam para a existência de um grande apoio ao projecto iniciado em Washington!